

Do produtivismo ao bibliometrismo? O futuro da História da Historiografia no meio do redemoinho

From productivism to bibliometrics? The future of the History of Historiography in the middle of the maelstrom

Mateus Henrique de Faria Pereira^a

E-mail: mateus.pereira@ufop.edu.br
<https://orcid.org/0000-0001-7489-7365> 

^a Universidade Federal de Ouro Preto,
Instituto de Ciências Humanas e Sociais,
Departamento de História, Mariana, MG, Brasil

Segundo alguns analistas, o papel e a avaliação dos periódicos na área de História, no século XXI, no Brasil, têm sido marcados por alguns paradoxos.

O primeiro deles é a grande quantidade de artigos publicados em revistas, sendo que um número considerável dessas publicações se enquadra na categoria “bem classificados”.¹ E, ainda que faltem pesquisas mais amplas, o que se constata é um baixo impacto desses artigos na produção historiográfica que, em geral, tende a privilegiar os livros (FICO; WASSERMAN; MAGALHAES, 2018, p. 285-287).²

O segundo paradoxo é mais recente, e diz respeito à introdução de ferramentas bibliométricas como critério hegemônico ou principal na avaliação Qualis da CAPES (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2020) para o quadriênio 2017-2020. No caso das áreas de História e algumas outras áreas do Colégio de Humanidades, após discussão e reivindicação junto ao Comitê Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES) da CAPES, foi possível o uso do índice H, elaborado pela base do Google Acadêmico, com o intervalo de 10 anos (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2020). Assim, essa ferramenta (o índice H do Google) será introduzida em uma cultura de baixa citação, marcada pela falta de diálogo franco com os interlocutores diretos (ARAÚJO, 2019, p. 12). Em outras, palavras o paradoxo é a introdução das ferramentas bibliométricas em um ambiente de “dependência acadêmica”, isto é, uma lógica geopolítica do conhecimento na qual o norte/centro global é o lugar de elaboração de teorias para a historiografia/teoria da história e o sul/periferia é o lugar do recolhimento de dados e aplicação de resultados (PEREIRA, 2018).³

Ainda que esses diagnósticos possam ser matizados, eles trazem desafios reais aos editores das revistas. Em uma das melhores sínteses da bibliografia internacional disponível sobre as especificidades das Humanidades e Ciências Sociais, os autores Melo; Trinca e Maricato (2021) apontam alguns aspectos que merecem ser destacados, já que nos ajudam a pensar esses paradoxos que não são exclusivos da área da história. Para os autores, essas áreas do saber são orientadas, diferentemente de outras, para a pesquisa de temas regionais e nacionais e, também, por isso, possuem “uma cultura de comunicação e de citação muito distinta das Ciências

¹ Entre 2013-2016, o número de artigos/docentes por ano foi de 3,49 para membros permanentes de programas de pós-graduação em histórica (FICO; WASSERMAN; MAGALHAES, 2018, p. 285)

² A medição e a avaliação do impacto nas humanidades, em função da importância dos livros em detrimento dos artigos é “problema” global. Uma extensa bibliografia sobre a questão pode ser vista em Melo, Trinca e Maricato (2021).

³ Cf. SANTOS, 2017.

Exatas e da Vida” (MELO; TRINCA; MARICATO, 2021, p. 12).

Esses campos não se desenvolveram apenas a partir da publicação de artigos, mas, também, de outras publicações, como livros (com o predomínio desse), artigos em jornais/revistas, artigos em coletâneas organizadas em forma de livro, e outras publicações não acadêmicas, que não aparecem em bases de dados bibliográficos. Nesse sentido, a comparação entre o Brasil e outros países do norte, como a Noruega, por exemplo, mostra que a produção dessas áreas “não encontram sua produção concentrada nas revistas internacionais, como normalmente ocorre na maioria das áreas de Ciências Naturais” (MELO; TRINCA; MARICATO, 2021, p. 12). Apesar das transformações contemporâneas, em função das pressões por publicar mais rápido e em maior quantidade, “a avaliação quantitativa do resultado da pesquisa nas Ciências Sociais e Humanidades enfrenta severos limites metodológicos, visto que as avaliações bibliométricas são continuamente baseadas na literatura de periódicos indexados” (MELO; TRINCA; MARICATO, 2021, p. 12). Portanto, um dos desafios colocados pela realidade atual, que envolva alguma consideração as especificidades da história da trajetória dessas áreas (dada a valorização dos livros e teses, por exemplo), consiste em pensarmos e construirmos modelos bibliométricos mais inclusivos e capazes de abarcar a pluralidade das diversas áreas do conhecimento.

Tendo em vista essas particularidades, no caso específico desta revista *História da Historiografia (HH)*, alguns questionamentos se colocam, a saber: quais as especificidades de um periódico de acesso aberto interinstitucional - Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO)/ Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia (SBTHH) - especializado? Como participar ativamente dos debates e tomadas de posição da área? Como manter o nosso compromisso com a publicação de pesquisas relevantes na forma de artigo de revista, com a qualidade e com comprometimento social em tempos de capitalismo de vigilância e de governo negacionista? Além disso, como enfrentar os desafios da “ciência aberta”⁴, da internacionalização, da publicação em fluxo contínuo, da experimentação, da sustentabilidade em um cenário de constante escassez de recursos?⁵

Foi em meio a paradoxos e incertezas trazidos por esses tempos difíceis, marcados pela constante ameaça democrática e pela trágica experiência da pandemia da COVID-19

⁴ Cf. OHARA, 2021.

⁵ O tema escassez de recursos foi alvo, recentemente, de nota de entidades científicas que alegam, com razão, que os cortes orçamentários inviabilizam diversas revistas científicas brasileiras, ver SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 2021..

no Brasil, que, no ano passado, a equipe editorial da *HH*, tomou a decisão de submeter a adesão da Revista à Rede SciELO. A solicitação foi aceita com restrições, mas, ao que tudo indica, em um ano a transição se efetivará. Sem dúvida, uma grande conquista, mas que sabemos, terá um preço. Na nossa avaliação, entendemos que vale a pena pagar esse preço, já que a entrada no SciELO dará maior segurança e estabilidade para preservarmos e cuidarmos desse patrimônio coletivo da área de teoria e história da historiografia. Algumas das mudanças necessárias para entrada na Rede SciELO já estão sendo implementadas no número atual: a manutenção dos direitos autorais como pertencentes aos autores, e não mais à revista; e, a mudança da licença de distribuição dos artigos para Creative Commons Atribuição (CC-BY).

E, apesar de todas as tensões inerentes à decisão, acreditamos que será possível preservar a beleza de certo “amadorismo”, que tantas vezes foi positivado pelo nosso ex-editor chefe, Temístocles Cezar que, inclusive, em sua carta de apresentação, de onde recuperamos alguns dados para esse editorial, define a entrada na referida base de dados como um “um divisor de águas na história do periódico e uma das maiores prioridades para o triênio”. Já que, como ele bem aponta, a “*HH* é mais que um periódico bem avaliado” é, na realidade, “um modo de ser” (CEZAR, 2020, p. 14).

A chegada ao SciELO é o resultado de um processo, cujo percurso envolve, entre outros fatores, os bons resultados da revista *HH* no que se refere às métricas de citação (índice h5 do Google Scholar, Scimago, Redib e CiteScore) e o longo trabalho de ampliar a nossa filiação em diversos indexadores. Fundamental para que tudo isso acontecesse foi a contratação do editor-assistente Marcos Sousa que, com maestria, desempenhou o seu papel, demonstrando um grande comprometimento para com a Revista, na companhia do também super comprometido, o nosso secretário Aguinaldo Boldrini.

Além de reformarmos o projeto gráfico da revista, iniciamos, a partir de 2018, ações de divulgação científica e história pública. Um destaque importante deste período foi a criação do [Portal HH Magazine](#), cujas presenças e ações dos colegas Rodrigo Machado, Tamara Rodrigues e, inicialmente, de Marianna Andrade Melo foram determinantes para o seu sucesso. Dois dos principais vínculos que a Revista tem com o portal – que ganhou bastante autonomia e independência – é a publicação de resenhas em fluxo contínuo, e a divulgação dos artigos publicados na *HH*, por meio de [podcasts](#), executados na voz dos/as próprios/as autores/as.

Ao que nos parece, algumas das “interpelações” e críticas que nos chegaram, no sentido de que tanto a Revista como também a área abordem e discutam temas relativos as desigualdades de gênero e raça, (VARELLA, 2018; OLIVEIRA, 2018) – e, também, a questão da diversidade regional, – encontraram certo espaço no interior do portal HH Magazine, ainda que tenhamos consciência de que há ainda muito a ser feito, em especial, na política editorial e de dossiês da *HH*. Merece ser destacado, também, que a *HH* possui página no [Facebook](#) desde 2011, e conta com mais de 22 mil seguidores, sendo que a média de alcance de suas publicações, no ano passado, variou entre 3 a 4 mil visualizações.

É digno de nota que a Revista vem ganhado visibilidade fora do Brasil, em especial, em países da América Hispânica. Certamente é resultado do competente trabalho dos três editores que tivemos, Fabio Wasserman, Alejandro Eujenian, Omar Acha e agora da editora María Inés Mudrovic. Além deles, a presença de Ewa Domanska e, mais recentemente, de Sanjay Seth, mostram o nosso esforço em internacionalizar o periódico, que tem recebido e publicado cada vez mais textos de pessoas de diversas nacionalidades, em geral, em espanhol e em inglês.

No que se refere à questão financeira, a *HH* tem sobrevivido, graças aos apoios de Programs de Pós-graduação em História (PPGHIS) (em especial, UFOP, UNIRIO e Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e ao suporte da SBTHH, além de algumas “vaquinhas” virtuais e pontuais. Muitas vezes os/as autores/as não têm conhecimento, mas, para a Revista publicar em nosso atual sistema – que é democrático, aberto e deve ser defendido – há uma série de custos diretos e indiretos (normalmente, advindos de trabalho voluntário). Em 2020, por exemplo, o nosso custo médio por número foi em torno de 12 mil reais e, sendo assim, o nosso custo anual foi de mais ou menos 35 mil reais. O custo médio de artigo em português foi de 800 reais e de artigo em língua estrangeira de 1300 reais. Já o custo indireto médio, por número, foi de 75 mil reais e, por ano, de 230 mil. Assim, tendo em vista os preços do mercado de revista acadêmico brasileiro e considerando os cálculos elaborados pelo nosso editor assistente, se todos os trabalhos da revista fossem remunerados, como, por exemplo, o trabalho dos/as pareceristas e dos/as editores/as, o custo total anual seria de 260 mil reais (SOUSA, 2020).

A sustentabilidade financeira da Revista coloca uma série de decisões difíceis para o futuro da *HH*. Em tempos de escassez, não deixamos de nos perguntar como (ou até quando) sustentar essa política que não “rende” resultados bibliométricos e, como vimos, custa caro.

Um exemplo: talvez a publicação seja a única ou certamente uma das poucas, dos extratos bem avaliados, que publica textos de pós-graduandos. Temos mantido essa política, por considerá-la inclusiva e democratizante. No entanto, um texto de um doutorando/a tende a ser menos citado, isto é, tende a ter menos impacto do que a tese publicada em livro ou o trabalho completo publicado em banco de teses.

Pois bem, é no interior desses cenários que vejo, em um futuro próximo, de recursos escassos e de recrudescimento autoritário e antiacadêmico, uma mistura bastante confusa entre o produtivismo e o bibliometrismo. Em outras palavras, em uma área fortemente marcada por uma ideia de autoria solar e, em certa medida obsoleta,⁶ “teremos” que conciliar a demanda por “produção” com a “necessidade” de realizarmos, dentre outros aspectos, certa propaganda dos nossos produtos, a fim de que eles sejam bem aceitos e reconhecidos pelo mercado acadêmico. E o quanto antes! Paradoxalmente, tudo isso ocorre em um momento político que pede da nossa parte uma maior intervenção e mais engajamento no debate e na arena pública. Espero que a área de história, em geral, e a *HH*, em particular, tenham sabedoria para enxergar além e agir para abrir outros futuros. Tenho plena convicção de que a atual editora-chefe, Flávia Varella, e toda a equipe editorial têm disposição e a experiência necessárias para enfrentar com grandeza os desafios da segunda década de vida da nossa Revista.

Agradeço os/as colegas com quem tive o prazer de conviver, nos períodos em que fui editor da Revista, pela compreensão, amizade e colaboração, bem como os/as pareceristas, autores, os/as secretários, estagiários, revisores, e ao PPGHIS/UFOP, que sempre apoiou a Revista. Saio honrado com o fato de ter deixado um pedaço da minha vida na *HH*. E só posso desejar vida longa a esse projeto chamado Revista *HH*!

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, V. L. DE. Editorial - Elogio aos periódicos científicos nas humanidades. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 12, n. 31, p. 10-15, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1572>. Acesso: 14 jul. 2021.

⁶ Na *HH*, por exemplo, mais de 90% dos artigos em sua primeira década eram de autoria única (Cf. VARELLA, 2018).

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Ofício Circular n. 31/2020-GAB/PR/CAPES - Deliberações da 1a Reunião Extraordinária do CTC-ES, de 22 de julho de 2020. **CAPES**. 2020. Disponível em: http://uploads.capes.gov.br/files/OF_CIRCULAR_31-2020-GAB-PR-CAPES.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

CEZAR, T. Geração e/ou gerações? **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 13, n. 34, p. 11-15, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1788>. Acesso: 13 jul. 2021.

FICO, C.; WASSERMAN, C.; MAGALHAES, M. S. Expansão e avaliação da área de História: 2010-2016. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 13, n. 34, p. 267-302, set./dez.2018. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1393>. Acesso: 13 jul. 2021.

MARQUES, F. Os limites do índice-h. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 207, maio 2013. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/os-limites-do-indice-h/>. Acesso: 13 jul. 2021.

MELO, J. H. N.; TRINCA, T. P.; MARICATO, J. M. Limites dos indicadores bibliométricos de bases de dados internacionais para avaliação da Pós-Graduação brasileira: a cobertura da *Web of Science* nas diferentes áreas do conhecimento. **Transinformação**, Campinas, v. 33, e200071, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2318-0889202133e200071>. Acesso: 13 jul. 2021.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. Podemos discutir a avaliação aberta em uma disciplina conservadora? **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 14, n. 35, p. 11-17, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1831>. Acesso: 13 jul. 2021.

OLIVEIRA, M. da Glória de. Os sons do silêncio: interpelações feministas decoloniais à história da historiografia. **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 11, n. 28, p. 104, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1414>. Acesso em: 14 jul. 2021.

PEREIRA, A. C. B. Precisamos falar sobre o lugar epistêmico na Teoria da História. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 88-114, 2018. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310242018088>. Acesso em: 14 jul. 2021.

SANTOS, Pedro A. C. dos; NICODEMO, Thiago L.; PEREIRA, Mateus. Historiografias periféricas em perspectiva global ou transnacional: o eurocentrismo em questão. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 60, p. 161-186, 2017. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/65456>. Acesso: 13 jul. 2021.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA. Entidades se manifestam sobre a situação dos periódicos científicos brasileiros. **Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**, 2021. Disponível em <http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/entidades-se-manifestam-sobre-a-situacao-dos-periodicos-cientificos-brasileiros/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

SOUSA, Marcos E. Índice h, Google Scholar, Índice h5, *Publish or Perish* e Índice h10. **Vida Acadêmica**: modos de usar, 2020. Disponível em: <https://vidamododeusar.com.br/academica/index.php/2020/11/02/indice-h-google-scholar-indice-h5-publish-or-perish-e-indice-h10/>. Acesso: 13 jul. 2021.

SOUSA, Marcos E. Modelo de cálculo de custo de manutenção de periódicos científicos no Brasil, V3. **Harvard Dataverse**. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7910/DVN/3MZAJA>. Acesso em: 14 jul. 2021.

VARELLA, Flávia Florentino. Limites, desafios e perspectivas: a primeira década da revista História da Historiografia (2008-2018). **História da Historiografia**: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 11, n. 28, p. 219-265, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/142>. Acesso em: 14 jul. 2021.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

BIOGRAFIA PROFISSIONAL

Mateus Henrique de Faria Pereira é professor de história do Brasil República e da Pós-Graduação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). É autor, dentre outros, de *Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI* (2019) com Valdeci Araujo e de *Uma introdução à história da historiografia brasileira* (2018) com Thiago Nicodemo e Pedro Afonso dos Santos.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Instituto de Ciências Humanas de Sociais (ICHS), Departamento de História, Rua do Seminário, s/n, Centro, Mariana, MG, CEP 35420-000, Brasil.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Marcos Sousa pela leitura, comentários e sugestões a esse editorial e pela companhia ao longo dessa jornada.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse declarado.

APROVAÇÃO EM COMITÊ DE ÉTICA

Não se aplica.

MODALIDADE DE AVALIAÇÃO

Não avaliado.

EDITORES RESPONSÁVEIS

Não se aplica.

DIREITOS AUTORAIS

Copyright (c) 2021 Mateus Henrique de Faria Pereira.

LICENÇA

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).